

A história da *C. leopoldii* trilabelo "Anita Garibaldi"



Figura 1: *C. leopoldii* trilabelo "Anita Garibaldi"

O que sente um orquidófilo quando encontra uma planta externamente rara e bela? O que sentiram as pessoas que encontraram plantas como a *C. walkeriana* "Feiticeira", a *C. violacea* coerulea, a *C. guttata* coerulea, a *C. intermedia* aquinii I, a *C. bicolor* coerulea e outras que foram ou continuam raras?

Muitos orquidófilos sentiram essa emoção, seja com plantas de mato ou de sementeiras. Sinto-me particularmente feliz como orquidófilo, pois em ambos os casos já tive a felicidade de encontrar plantas raras e belas: com a *C. leopoldii* trilabelo "Anita Garibaldi" e com a *C. intermedia* aquinii alba "Branca de Neve".

Essa é a história do meu encontro com a primeira delas.

Comecei a colecionar orquídeas (considero-me um colecionador, antes de tudo, pois o que me atrai é o raro e o belo, principalmente juntos), no início dos anos oitenta, ou seja, quase vinte anos atrás. Morando em Florianópolis comecei evidentemente com a *L. purpurata*, caso contrário não teria o que conversar nas reuniões da sociedade local, dominada pelos purpurateiros.

Entretanto, para não ter flores somente em novembro e dezembro, comecei a pesquisar e colecionar outras espécies, sempre procurando plantas de qualidade acima da média daquela espécie.

Em alguns anos já possuía uma grande coleção composta de Laelias, Cattleyas, Oncidiuns, Catasetuns, etc..

Em cada espécie procurava conhecer as variedades de forma e colorido existentes, tanto pesquisando na literatura especializada, como em conversas com orquidófilos mais experientes.

Um dos livros que li na época, Orchidaceae Brasilienses, de Pabst e Dungs, trazia um desenho de uma *C. leopoldii* com pétalas semelhantes ao labelo. Fiquei encantado com a mesma, pois possuía diversas leopoldiis comuns e admirava muito a espécie, mas o livro não dava nenhuma esperança de encontrar a tal planta.

Logo depois, numa viagem ao Espírito Santo fiz uma visita ao famoso orquidófilo e preservacionista Roberto Kautsky, o qual me contou a história da *C. schilleriana* encontrada por ele, que também tinha as pétalas transformadas em labelo.

Como ele tinha uma foto da planta pude ver o quanto era bela. Infelizmente a planta havia morrido numa tentativa de clonagem, na Alemanha.

As chances de encontrar outra planta igual eram raríssimas. Parecia que a única cattleya bifoliada trilabelo que havia sobrevivido era a nossa conhecida *C. intermedia* aquinii I.

Mas o destino é generoso para quem é persistente!

Alguns anos depois, em visita a um antigo coletor de *L. purpurata*, no sul do estado de Santa Catarina, após uma tarde de conversas, histórias e negócios, perguntei-lhe se conhecia alguma variedade de "leopoldão", como é conhecida a *C. leopoldii*. Ele disse-me que só possuía plantas comuns, pois as variedades da *C. leopoldii* são realmente raras, mas que conhecia um antigo orquidófilo de Laguna, cidade próxima, que possuía uma *C. leopoldii* trilabelo! Meu coração disparou com essa notícia e imediatamente perguntei-lhe pelo endereço do tal orquidófilo. Ele disse-me onde ficava e por uma estranha coincidência, o tal orquidófilo morava na mesma rua de outro orquidófilo conhecido meu naquela cidade!

Como já era fim de tarde e eu estava há uns sessenta quilômetros de Laguna, resolvi voltar para casa e tentar uma visita no próximo fim de semana, apesar de não estar na época de floração da *C. leopoldii*, pois estávamos em agosto.

No sábado seguinte fiz os cem quilômetros de Florianópolis a Laguna em tempo recorde e rapidamente cheguei à casa do meu conhecido. Perguntei-lhe se conhecia algum outro orquidófilo naquela rua e ele disse que sim, mas há muitos anos não se conversavam por um mal entendido qualquer entre os dois, no passado.

Entendi porque ele nunca havia me falado do outro, que morava na mesma rua a mais ou menos trezentos metros.

Perguntei-lhe também se era verdade que o outro orquidófilo possuía uma *C. leopoldii* trilabelo. Fiquei feliz quando ele disse que era verdade, mas disse também que ele jamais havia cedido uma muda a ninguém.

Contei-lhe da minha admiração pelas trilabelos e flameadas e disse-lhe que tentaria de qualquer maneira conseguir uma muda. Despedi-me do amigo orquidófilo e fui até a casa que ele me indicou. Toquei na campainha e fui recebido por uma senhora simpática, de mais ou menos 65 anos.

Disse-lhe que era um orquidófilo de Florianópolis e que gostaria de fazer uma visita ao orquidário. É impressionante como pessoas desconhecidas logo se tornam amigas quando o assunto é orquídeas!

Essa é uma das coisas que sempre admirei e continuo admirando nessa paixão que é colecionar orquídeas. Ela logo me convidou para entrar e após passarmos pela residência fomos aos fundos do terreno onde ficava o orquidário e onde estava seu Sebastião Vieira, cuidando das plantas. Fui apresentado e logo simpatizei com o seu jeito humilde e bondoso. Após me mostrar seu pequeno orquidário, com mais ou menos duzentas plantas, me contou muitas histórias dos tempos em que caçava orquídeas nos banhados e morros de Laguna e arredores. Entretanto, não falou nada sobre a *C. leopoldii* trilabelo, apesar de eu ter visto diversas mudas de *C. leopoldii* em seu orquidário.

Depois de muitos cafezinhos e histórias, finalmente perguntei-lhe:

"Seu Sebastião, é verdade que o senhor possui um leopoldão trilabelo?!"

Ele percebeu a minha ansiedade de orquidófilo novato, abriu um sorriso e respondeu:

"Sim, é verdade, encontrei um, alguns anos atrás, num banhado perto de Cabeçudas". (Uma pequena cidade vizinha de Laguna).

Muito nervoso perguntei-lhe se poderia mostrar a planta e ele calmamente me apontou uma *C. leopoldii* de sete ou oito bulbos, plantada num vaso de xaxim já meio decomposto.

Como estava sem flores, não parecia nada diferente das outras. Ele contou-me que a encontrara há uns dez anos. Perguntei-lhe se tinha mudas para negociar e ele disse-me que nunca havia conseguido fazer uma muda, pois a cada bulbo novo, morria um bulbo traseiro e a planta continuava do mesmo tamanho ano após ano!

Também nunca havia sido fotografada, o que era lamentável, pois a descrição das poucas pessoas que a tinham visto em flor era de que possuía três labelos. Apenas isso. Perguntei-lhe sobre a época de floração, e Seu Sebastião disse-me que era janeiro, em pleno verão, dali uns cinco meses e convidou-me para visitá-lo na próxima floração.

Agradei e disse-lhe que voltaria na segunda semana de janeiro, quando me garantiu que ela estaria em flor.

Eu já estava me despedindo quando Seu Sebastião perguntou-me se não gostaria de levar uma muda de outra leopoldii trilabelo que ele possuía!

Fiquei atordoado! Então não era uma, mas duas trilabelos!

Perguntei-lhe como isso era possível e ele explicou-me que anos atrás uma das flores da trilabelo trazida do mato havia sido polinizada por algum inseto e posteriormente a cápsula amadureceu e as sementes foram espalhadas pelo vento. Algumas plantas haviam germinado nas árvores próximas e uma delas que crescera num abacateiro havia florido há uns dois anos com flores também trilabelo.

Seu Sebastião levou-me até o abacateiro e mostrou-me a planta. Realmente, dava para ver que se tratava de uma planta germinada e crescida naquela árvore. Com uma faca ele cortou aproximadamente metade da planta e me deu.

Eu não sabia o que dizer! Perguntei-lhe o que desejava em troca e ele respondeu que aquilo era um presente e que eu não lhe devia nada! De qualquer forma disse-lhe que traria algumas mudas de *Laelias purpuratas* da minha coleção.

Voltei para casa louco para replantar aquela muda, pois já estava com um pequeno broto.

Uns dois meses depois voltei a Laguna e levei algumas mudas de *L. purpurata* para Seu Sebastião. Ele ficou muito satisfeito, pois no fundo era um purpurateiro.

Quando finalmente chegou janeiro a minha muda que estava com espata, começou a mostrar os botões. Fiquei meio decepcionado, pois os botões eram absolutamente normais. Será que seu Sebastião estava enganado? Os botões estavam quase abrindo quando tive que me ausentar de casa por dois dias. Quando voltei corri para o orquidário e quase desmaiei de emoção quando a vi florida!

Lá estava a mais bela *C. leopoldii* que eu já vira!

Com quatro flores, possuía sépalas marrons pintalgadas, típicas da espécie. As pétalas, entretanto, lembravam o labelo espalmado, de coloração vermelho vivo e com excelente armação. Fotografei várias vezes a planta e fiquei imaginando se a outra já estaria florida em Laguna.



Figura 2: *C. leopoldii* trilabelo “Giuseppe Garibaldi”

No sábado seguinte rumei para lá em companhia de minha esposa, pois como era verão poderíamos aproveitar o fim de semana nas maravilhosas praias de Laguna.

Chegando à casa de Seu Sebastião falei-lhe da planta que ele havia me presenteado e lhe agradei muito dizendo tratar-se de uma raridade enorme,

contando-lhe inclusive a história da *C. schilleriana* trilabelo do Roberto Kautsky e de como havia sido perdida para sempre.

Ele ficou satisfeito por eu ter gostado do presente e disse que a outra também estava florida, convidando-me a ir vê-la no orquidário.

Eu estava ansioso! Finalmente iria conhecer a tão sonhada planta! Quando entramos no orquidário imediatamente vi a planta! Era algo fantástico! Um cacho de umas dez flores, típico da *C. leopoldii*, todas com as pétalas de um púrpura vivo, lembrando também um labelo espalmado. As sépalas eram marrons esverdeadas e não possuíam pintas, o que as tornava mais belas!



Figura 3: “Anita Garibaldi” em Laguna

Fiquei alguns instantes extasiado e só depois consegui dizer alguma coisa. A primeira coisa que falei foi uma tolice da qual logo me arrependi. Perguntei-lhe se me venderia à planta e lhe ofereci quinhentos dólares.

Seu Sebastião gentilmente recusou a oferta, dizendo que a planta não estava à venda, mas que tão logo conseguisse uma muda ela seria minha. E de presente!

É claro que fiquei muito satisfeito, mesmo sabendo da dificuldade de fazer mudas. Solicitei-lhe o pólen da planta, pois queria cruzá-la com a outra que florira em minha casa. Ele gentilmente cedeu.

Ficamos ainda algum tempo conversando e admirando a planta e pedi-lhe que me contasse novamente como a encontrara. Ele repetiu a história que me contara meses antes e se propôs a voltar ao local caso eu desejasse. É claro que

concordei na hora e ficamos de marcar uma data, pois era verão e nessa época a família tem prioridade para a diversão.

Esse passeio só seria realizado um ano depois, em companhia de seu Sebastião, sua esposa e meu amigo Cláudio Deschamps. Durante o passeio, fotografamos seu Sebastião em frente à árvore na qual havia coletado a *C. leopoldii* trilabelo. É claro que procuramos muito, mas só encontramos leopoldiis típicas da espécie. De qualquer modo foi um passeio maravilhoso!

Continuei mantendo contato com seu Sebastião, mas devido ao meu trabalho as visitas foram rareando cada vez mais, exceto, é claro, na floração.

Certa época minha mãe pediu-me que a levasse a Laguna, para visitar uns parentes. Como já fazia uns seis meses que não visitava seu Sebastião, aproveitei e lhe fiz uma visita.

Logo que cheguei percebi que algo estava errado. Seu Sebastião sempre tão atencioso e conversador estava triste.

Perguntei-lhe a razão e disse-me que já há alguns meses não estava se sentindo bem e que em breve iria a Florianópolis fazer um tratamento de saúde. Não entendi muito bem o motivo, mas continuamos a conversar sobre orquídeas.

Depois de um gostoso café da tarde quando já nos preparávamos para voltar, seu Sebastião pediu-me para esperar enquanto ele iria buscar algo no orquidário. Voltou com a *C. leopoldii* trilabelo nas mãos e diante do meu espanto disse: "Quero que você a leve e cuide dela para mim, pois não estou mais em condições de fazer isso e tenho medo de perdê-la". Perguntei-lhe se tinha certeza do que estava fazendo, pois a responsabilidade minha seria muito grande. Ele reafirmou sua intenção e convidei-lhe então a me visitar na sua próxima viagem a Florianópolis.

Falei-lhe da idéia que tivera de dar o nome de "Anita Garibaldi" a planta e ele concordou na hora.

Conversamos ainda bastante e quando cheguei em casa fui correndo replantar aquela maravilha.

Em pouco tempo ela estava emitindo raízes e se fixou muito bem.

Apesar do convite seu Sebastião não aparecia em meu orquidário. Quase um ano depois efetivamente recebi a visita dele, sua esposa e seu filho. Quando seu Sebastião viu a planta ficou impressionado, pois a mesma havia enraizado muito bem e apresentava um bulbo novo vigoroso. Falou-me que estava muito

satisfeito e que tinha acertado no que fizera. Mostrei-lhe todo o meu orquidário e num momento que seu Sebastião pediu para ir ao banheiro perguntei ao seu filho qual era afinal a sua doença.

"Câncer de próstata" disse-me ele.

Seu Sebastião ainda não sabia da doença, pois a família não lhe contara devido ao adiantado estado da doença.

Conversamos bastante naquela tarde. O que eu não imaginava é que aquela seria nossa última conversa.

Pouco antes de sair, seu Sebastião chamou-me para perto da planta e disse: "Cuide bem dela, pois de hoje em diante ela é sua."

É claro que não tive palavras para agradecer! Logo depois ele retornava a Laguna.

Uns seis meses depois seu Sebastião morria. Fiquei muito triste e pensei na responsabilidade que eu tinha de preservá-la e multiplicá-la.

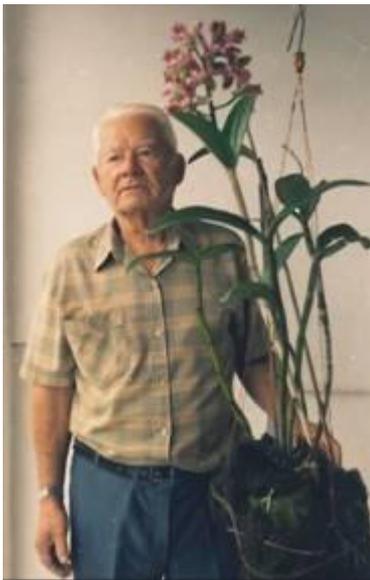


Figura 4: Sebastião Vieira – descobridor da *C. leopoldii* trilabelo "Anita Garibaldi" e uma das plantas homenageada com seu nome

Preocupado com isso fiz vários cruzamentos, tanto com a "Anita Garibaldi" como com aquela do abacateiro que chamei de "Giuseppe Garibaldi".

Cruzei também com algumas espécies na esperança de produzir híbridos primários flameados.

O primeiro a florir foi aquela com *C. forbesii*, o meu cruzamento de número 61. Floriram várias plantas comuns, mas a primeira flameada foi espetacular. Sépalas amarelo-esverdeadas e pétalas arredondadas e flameadas com o púrpura do labelo da *leopoldii* e as estrias do labelo da *forbesii* riscando do meio para as bordas, num efeito maravilhoso. Além disso, a flor apresentava armação perfeita, coisa rara nos descendentes das trilabelos de outras espécies. Surgiram outras muito parecidas, mas essa continua sendo a minha preferida.



Figura 5: *C. Dayana*



Figura 6: *C. Dayana*



Figura 7: *C. leopoldii* X *C. granulosa*

É interessante notar que todos os cruzamentos que floriram até hoje tiveram uma percentagem de flameadas em torno de dez por cento. Mas a surpresa maior estava por vir!

Já haviam florido flameadas nos cruzamentos com *forbesii*, *dormaniana*, *aclandiae*, *bicolor*, *araguaiensis*, Mem. Helen Brown, etc.



Figura 8: *C. leopoldii* flâmea "Surpresa"



Figura 9: *C. leopoldii* flâmea

Mas eu estava mesmo ansioso era pelo resultado dos cruzamentos entre as *C. leopoldii*, especialmente aquele entre as trilabelos. Quando elas começaram a florir anos atrás, vi que todo o nosso esforço valera a pena.

Surgiram plantas com diversos graus de flameados nas pétalas, desde alguns riscos até plantas com três labelos perfeitos, e todas com boa armação.



Figura 10: *C. leopoldii* (“Anita” X “Giuseppe”)



Figura 11: *C. leopoldii* trilabelo “Daniela”

Algumas plantas superaram as matrizes em termos de forma e cor e só lastimo não poder compartilhá-las com aquele que permitiu tudo isso, “seu Sebastião Vieira”!

Carlos Gomes

Florianópolis – SC – 1999

Orquidário Carlos Gomes